

O nodal é modal

Ana Laura Prates

Resumo

Na aula de 15 de janeiro de 1974 de *O seminário, livro 21: les non-dupes errent*, Lacan afirma a convergência do modal e do nodal. O objetivo deste trabalho é acompanhar as elaborações anteriores de seu ensino que permitiram tal conclusão, o que parece fundamental para a aproximação ao método borromeano e a suas implicações lógicas e linguísticas. Consideram-se as fórmulas da sexuação, presentes em *O seminário, livro 20: mais ainda*, como um matema de transição entre os discursos e a topologia borromeana. Essa transição é extremamente complexa, já que implica a construção de uma homologia entre a lógica e a topologia, interrogando a noção de linguagem compatível com a psicanálise. Trata-se de desenvolver a ideia de que o inconsciente é uma classe aberta e paradoxal, tal como Lacan desenvolve naquele seminário. Será preciso, portanto, acompanhar essa construção em três níveis: lógico, topológico e linguístico. Neste trabalho, será tratado apenas o nível lógico, deixando os demais para desenvolvimentos posteriores.

Palavras-chave:

Modal; Nodal; Discursos; Fórmulas da sexuação; Topologia borromeana.

The nodal is modal

Abstract

In the January 15, 1974 lesson of *The Seminar, book 21: les non-dupes errent*, Lacan affirms the convergence of the modal and the nodal. The objective of this work is to accompany the previous elaborations of his teaching that allowed such a conclusion, which seems fundamental for approaching the Borromean method and its logical and linguistic implications. The formulas of sexuation, present in *The seminar, book 20: even more*, are considered as a transitional mateme between the discourses and the Borromean topology. This transition is extremely complex, since it implies the construction of a homology between logic and topology, questioning the notion of language compatible with psychoanalysis. It is about developing the idea that the unconscious is an open and paradoxical class, as Lacan developed in that seminar. It will therefore be necessary to accompany this construction on three levels: logical, topological and linguistic. In this work, only the logical level will be treated, leaving the others for later developments.

Keywords:

Modal; Nodal; Speeches; Formulas of sexuation; Borromean topology.

Lo nodal es modal

Resumen

En la lección del 15 de enero de 1974 de *El Seminario, libro 21: les non-dupes errent*, Lacan afirma la convergencia de lo modal y lo nodal. El objetivo de este trabajo es acompañar las elaboraciones previas de su enseñanza que permitieron tal conclusión, que parece fundamental para abordar el método borromeo y sus implicaciones lógicas y lingüísticas. Las fórmulas de la sexuación, presentes en *El seminario, libro 20: más aún*, son consideradas como un matema de transición entre los discursos y la topología borromeana. Esta transición es sumamente compleja, ya que implica la construcción de una homología entre lógica y topología, cuestionando la noción de lenguaje compatible con el psicoanálisis. Se trata de desarrollar la idea de que el inconsciente es una clase abierta y paradójica, como la desarrolló Lacan en ese seminario. Será necesario, por tanto, acompañar esta construcción en tres niveles: lógico, topológico y lingüístico. En este trabajo se tratará únicamente el nivel lógico, dejando los demás para desarrollos posteriores.

Palabras clave:

Modal; Nodal; Discursos; Fórmulas de la sexuación; Topología borromeana.

Le nodal est modal

Résumé

Dans la leçon du 15 janvier 1974 du *Séminaire, livre 21: les non-dupes errent*, Lacan affirme la convergence du modal et du nodal. L'objectif de ce travail est d'accompagner les élaborations antérieures de son enseignement qui ont permis une telle conclusion, qui semble fondamentale pour aborder la méthode borroméenne et ses implications logiques et linguistiques. Les formules de la sexuación, présentes dans *Le Séminaire, livre 20 : encore*, sont considérées comme un mathème transitionnel entre les discours et la topologie borroméenne. Ce passage est extrêmement complexe, puisqu'il implique la construction d'une homologie entre logique et topologie, interrogeant la notion de langage compatible avec la psychanalyse. Il s'agit de développer l'idée que l'inconscient est une classe ouverte et paradoxale, comme Lacan l'a développé dans ce séminaire. Il faudra donc accompagner cette construction sur trois plans : logique, topologique et linguistique. Dans ce travail, seul le niveau logique sera traité, laissant les autres pour des développements ultérieurs.

Mots-clés :

Modal ; Nodal ; Discours ; Formules de sexuación ; Topologie borroméenne.

Na aula de 15 de janeiro de 1974 do *Seminário 21: Les non-dupes errent*, Lacan (1973-1974) afirma a convergência do modal e do nodal. O objetivo deste trabalho é acompanhar as elaborações anteriores de seu ensino que permitiram tal conclusão, que me parece fundamental para nos aproximarmos do método borromeano e de suas implicações lógicas e linguísticas.

Considero as *fórmulas da sexuação*, presentes no *Seminário encore* (1972-1973/2010), como um matema de transição entre os discursos e a topologia borromeana. Essa transição é extremamente complexa, já que implica a construção de uma homologia entre a lógica e a topologia, e interroga a noção de linguagem compatível com a psicanálise. Trata-se de desenvolver a ideia de que o inconsciente é uma classe aberta e paradoxal, tal como Lacan desenvolve naquele seminário. Será preciso, portanto, acompanhar essa construção em três níveis: o lógico, o topológico e o linguístico. Neste trabalho, tratarei apenas do nível lógico, deixando os demais para desenvolvimentos posteriores.

Nível lógico

Newton da Costa, matemático brasileiro internacionalmente reconhecido como o inventor da lógica paraconsistente, comenta que, nas fórmulas da *sexuação*: “Lacan, sob certos aspectos, foi um precursor não só da lógica paraconsistente, mas também da lógica não reflexiva e da lógica para-completa em sentido amplo” (Da Costa, 2014, p. 55). As lógicas paracompletas são aquelas que derrogam o “princípio da não contradição” e questionam a modalidade necessária do Universal, que constituem o alicerce das lógicas clássicas, desde Aristóteles.

Lembremos rapidamente os fundamentos da lógica clássica, desde Aristóteles, para acompanharmos o alcance da subversão que se seguirá. A primeira observação importante é a de que a lógica aristotélica se refere à chamada “linguagem natural”, sobretudo as sentenças afirmativas do tipo “Sujeito – Verbo – Predicado” (S é P). Essa é a razão de ela ser chamada de “lógica proposicional”. O recorte que nos interessa da lógica de Aristóteles encontra-se em *Da interpretação* (2013) e refere-se exatamente às proposições. Uma proposição é definida como um discurso declarativo que se realiza pela afirmação ou pela negação, ao qual se aplica a distinção entre verdadeiro (V) e falso (F). A lógica aristotélica, portanto, parte do Universal como evidência e estabelece uma relação de subalternação dos casos particulares a essa evidência. A partir dessa premissa, as universais afirmativa e negativa são contrárias entre si, e as particulares que negam as universais são consideradas contraditórias. Em outras palavras, elas tornam o sistema inconsistente e, por essa razão, são consideradas impossíveis. Determinado sistema lógico, portanto, é considerado consistente na medida em que exclui a categoria do impossível. Eis como esse sistema foi representado na Idade Média a partir das expressões latinas **AFFIRMO** e **NEGO**.

Figura 1



Durante a Idade Média, vários lógicos indicaram diversas situações que problematizam o quadrado das proposições. Uma das tentativas de solucionar esses problemas foi a “teoria das suposições”, mencionada por Lacan (1973-1974) no *Seminário 21*. A teoria das suposições considerava que o sentido de uma sentença dependia do contexto no qual ela se estabelecia, e, portanto, as palavras não são conceitos essenciais fixos. A teoria da suposição, assim, é um modo de lidar com as proposições contraditórias nas quais o valor de verdade é afirmado e negado simultaneamente, bem como com as ambiguidades semânticas próprias da linguagem. Ela era utilizada com frequência para tratar os sofismas. Parece-me bastante evidente que Lacan não desconhecia a querela atual — que divide os historiadores da lógica — a respeito de se seria possível — sim ou não — estabelecer uma homologia entre a noção medieval de suposição e a noção de referência em Frege. Seria possível estabelecer pontos de articulação entre a lógica proposicional medieval e a lógica matemática moderna?

Qual foi então o grande passo de Frege (2018) em *Conceitografia (Begriffsschrift)*? Sua grande invenção foi retirar a lógica da “linguagem natural”, oferecendo-lhe uma “linguagem artificial” própria, a partir da teoria dos conjuntos, que ele chamou de “função proposicional”. A utilização de *quantificadores* para ligar variáveis é considerada uma das maiores invenções intelectuais do século XIX. Ela opera de duas maneiras:

- 1) *Quantificador universal*: generaliza-se o predicado para qualquer que seja o indivíduo que venha a substituir a variável: $\forall xfx$.
- 2) *Quantificador existencial*: postula-se a existência de pelo menos um indivíduo que possa substituir a variável. $\exists xfx$.

Para que se possam representar simbolicamente essas conexões entre quantificação universal e individual, utiliza-se a letra *f* para designar qualquer predicado.

Figura 2

	<i>afirmativos</i>	<i>negativos</i>
<i>universais</i>	$\forall x. \Phi x$	$\forall x. \bar{\Phi} x$
<i>particulares</i>	$\exists x. \Phi x$	$\exists x. \bar{\Phi} x$

Embora Frege (2018) tenha estabelecido um corte com a invenção da função proposicional e os quantificadores, ele não chegou a subverter as categorias lógicas e a relação entre o Universal e o Particular. E é exatamente isso que as fórmulas da sexualização subvertem. Antes de demonstrá-lo, entretanto, é preciso lembrar que Lacan (1968-1969/2008), no *Seminário 16: de um Outro ao outro*, já vinha questionando o Universal com a afirmação de que “não há universo do discurso”. Ele inicia a década de 1960 de seu ensino questionando as lógicas clássicas, sobretudo a partir de: a) o axioma da especificidade de Russell; b) a noção de indecidível de Gödel no *Seminário 14: a lógica do fantasma* (Lacan, 1966-1967, inédito); e c) o diagrama de Peirce no *Seminário 15: o ato psicanalítico* (Lacan, 1967-1968, inédito).

a) O axioma da especificação

“O catálogo de todos os catálogos não pertence ao conjunto dos catálogos.” O paradoxo aqui é que a própria condição que estabelece o conjunto determina a exclusão de um elemento, gerando um indecidível.

“A todo conjunto A e a toda condição S(x) corresponde um conjunto B, cujos elementos são precisamente aqueles x de A para os quais se cumpre a função S(x).” Ou seja: o que define o conjunto está fora dele:

$$B = \{x \in A; S(x)\}$$

Exemplo: A = homens; S(x) = ser casado; B = “homens casados”

Entretanto, e se S(x) for: $x \in B$

$$B = \{x \in A; x \in B\}$$

Então: $y \in B$ se $y \in A$ e $y \in B$

Questão: B pertence a A?

Paradoxo: “Há pelo menos um conjunto B que não pertence à classe original A”

b) O indecidível de Gödel

Teoremas da indecidibilidade:

1) “Qualquer teoria axiomática recursivamente enumerável e capaz de expressar algumas verdades básicas de aritmética não pode ser, ao mesmo tempo, completa e consistente.”

2) “Uma teoria, recursivamente enumerável e capaz de expressar verdades básicas da aritmética e algumas verdades de probabilidade formal, pode provar sua própria consistência se, e somente se, for inconsistente.”

O primeiro teorema garante a existência das chamadas proposições indecidíveis, ou seja, que não podem ser provadas verdadeiras ou falsas em dado sistema axiomático. O segundo diz que não é possível um sistema ser consistente e provar sua própria consistência, o que não impede que essa consistência seja provada por outro sistema.

- *A lógica paraconsistente:* as contradições podem existir, e não há o imperativo da consistência (não contradição). É a lógica possível para os paradoxos e talvez a mais adequada para modelar a complexidade do homem nos limites de sua razão.
- *A lógica para completa:* admite-se o surgimento de outra via, “nem falso, nem verdadeiro”, mais além das esperanças de verdades que garantam o sentido. Não há provas por contradição, simplesmente porque não há contradições.

c) O diagrama de Peirce

Figura 3



No diagrama de Peirce, demonstra-se que, no quadrante superior à direita, tanto pode ser verdadeira a universal afirmativa “todo traço é vertical” quanto a negativa “nenhum traço é vertical”, já que o que se nega aqui é a própria existência.

É exatamente isso que o lado mulher das fórmulas da sexuação verifica. Antes de demonstrá-lo, entretanto, é preciso lembrar que Lacan (1968-1969/2008) já vinha questionando o Universal com a afirmação de que “não há universo do discurso”. É o que escreve o matema dos discursos, a partir da minuciosa elaboração matemática realizada no *Seminário 16: de um Outro ao outro* (Lacan, 1968-1969/2008) anterior, qual seja, de que o 1 não alcança o 2. Entre o S1, traço unário exterior à cadeia, e o par ordenado S2 (S1-S2) da cadeia significante, meio de gozo, há o “infinitesimal” escrito pelo número de ouro da “série de Fibonacci”, ou, em notação lacaniana, o objeto *a* que se encontra em “exclusão interna do sistema”. É a primeira vez que Lacan demonstra matematicamente que o Saber produz seu próprio furo, ao mesmo tempo que demonstra o não binarismo na impossibilidade da escrita do par ordenado. É desse modo que Lacan vai separar radicalmente o campo do Semblante e o campo do Gozo como alteridade (ou heteridade) absoluta, já antecipando aí uma topologia não-toda que deverá incluir o furo, como veremos mais adiante.

Figura 4



No matema dos discursos, portanto, Lacan (1969-1970/1992) estabelece uma divisão irremediável entre *semblante* e *gozo*, cifrada pelo litoral da letra, cujas consequências para a sexuação Lacan (1971/2009) apresenta do *Seminário 18: de um discurso que não seja do semblante*.

No homem, ocorre uma conjunção entre Gozo e Semblante pela lógica da fantasia, tal como lemos no Discurso do Amô.

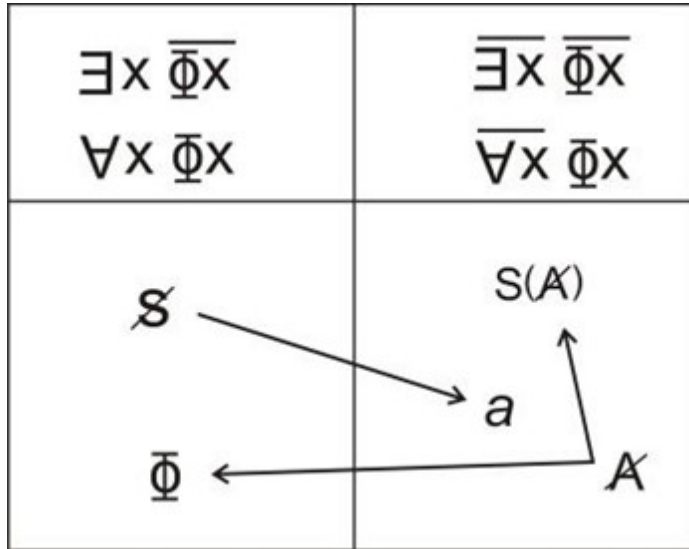
HOMEM: $J \wedge S$

“Na mulher ocorre uma disjunção entre gozo e semblante” (Lacan, 1971/2009, p. 34).

MULHER: $J \vee S$

Lacan (1972-1973, inédito) escreverá, então, a sexuação humana tomando o falo como função referencial.

Figura 5



Embora preserve a escrita fregeana da universal afirmativa e da particular negativa, há uma mudança radical que diz respeito à qualificação da relação entre essas duas proposições como *contraditórias*. Para Lacan, a existência do “ao menos um” que escapa à lei (particular negativa) é *necessária* para que a própria lei possa valer para todos. Acompanhamos, assim, que é o chamado “lado homem” das fórmulas da sexuação que derroga o princípio aristotélico da “não contradição”, tornando a sexuação humana paraconsistente.

A relação entre a universal afirmativa e a particular negativa é, portanto, em vez de contraditória, necessária: não há universal que não deva se conter em uma existência que a negue. No texto *O saber do psicanalista* (1971-1972, inédito), Lacan diz:

(...) este “pelo menos um” do qual se suporta o Nome-do-Pai, o nome do Pai mítico, é indispensável... Qual é então o seu significado? Direi que é a exceção (...). É singular que somente com o discurso analítico possa uma Universal encontrar, na existência da exceção, seu verdadeiro fundamento; e deste modo certamente podemos, em todo caso, distinguir o Universal assim fundamentado, de qualquer outro uso preconizado pela tradição filosófica do dito Universal. (Lacan, 1971-1972, p. 77, inédito)

Subversão ainda mais radical ocorre com as outras duas proposições restantes, que serão articuladas ao chamado “lado mulher”, introduzindo a “lógica do não-todo”: na *universal negativa*, em vez de a negativa recair sobre o predicado, como na lógica clássica — o que provocaria uma proporcionalidade em relação ao lado homem: “toda mulher não está submetida à ordem fálica” —, ela recai sobre a própria universal: “a mulher é não-toda inscrita na função fálica”:

(...) trataremos agora de compreender o que acontece, com este “Não-Toda”, verdadeiramente o ponto vivo, original, do que escrevi no quadro. Pois em parte nenhuma até agora, na lógica se colocou, promoveu, ou se salientou a função de “Não-Toda”. E prossegue: (...) inversamente, é enquanto há o vazio, a falta, a ausência de seja o que for negando a função fálica a nível da mulher, que nada mais há senão essa coisa formulada pelo “Não-Todo” na posição da mulher a respeito da função fálica. (Lacan, 1971-1972, pp. 114-115, inédito)

Tal subversão é tributária da dupla negação do existencial, escrevendo a não existência de uma mulher que contrarie a universal, ou seja, as mulheres não formam um conjunto finito, pois não há “um” que faça exceção.

É claro que, de acordo com a lógica clássica, essa dupla negação do particular seria outra maneira de escrever a universal afirmativa. Esse é um dos pontos em que Lacan institui uma quebra nas relações entre o Particular e o Universal que não havia antes. Se o Universal é justamente fundado na exceção, não há mais paridade possível entre o Particular e o Universal, nos termos da lógica clássica. Assim, é justamente por não haver exceção, do lado mulher, que não há o todo.

Se pudéssemos construir um *quadrado proposicional de Lacan*, verificaríamos que as *modalidades* postuladas pela lógica de Aristóteles para classificar as proposições (necessárias, possíveis, impossíveis) não seriam mais suficientes.

No *Seminário 20* e no texto *O saber do psicanalista* (1971-1972, inédito), Lacan define quatro *modalidades*, desta forma:

- IMPOSSÍVEL – o que não para de não se escrever.
- CONTINGENTE – o que para de não se escrever.
- NECESSÁRIO – o que não para de se escrever.
- POSSÍVEL – o que para de se escrever.

Uma das consequências mais sérias e importantes dessa subversão que a psicanálise sustenta em acordo com as lógicas paraconsistentes e paracompletas é declarada por Lacan em *O aturdo* (1972/2003), que condensa de modo extraordinário as subversões precedentes, extraíndo delas importantes consequências clínicas, a partir da introdução da lógica modal. Nesse texto, há uma importante ruptura com Frege, para quem a lógica modal seria impossível, por não ser possível atribuir valor de verdade a não ser em sentenças gramaticalmente indicativas. A psicanálise opera exatamente com a articulação da verdade atribuída à modulação subjuntiva.

Façamos um exercício de lógica a partir da sentença. Se tomarmos a sentença afirmativa indicativa:

“Que se diga fica esquecido por trás do que se diz no que se ouve” (V)

“Que se diga”: Sujeito

“fica esquecido”: Verbo

“por trás do que se diz no que se ouve”: Predicado

Mas Lacan (1972/2003, p. 448) adverte: “Esse enunciado, que parece uma asserção, por se produzir numa forma universal, é de fato modal, existencial como tal: o subjuntivo com que se modula seu sujeito é testemunha disso.”

A significação, por ser gramatical, ratifica prontamente que a segunda frase refere-se à primeira, ao fazer dela seu sujeito, sob a forma de um Particular. Ela diz “esse enunciado”, depois o qualifica com a assertiva de se como verdadeiro, confirmando que ele o é sob a forma de uma proposição dita Universal na lógica: é que, de qualquer modo, o dizer fica esquecido por trás do dito.

Mas, por antítese, ou seja, no mesmo plano, em um segundo tempo, ela denuncia seu semblante, afirmando-o pelo fato de seu sujeito ser modal e comprovando isso por ele se modular gramaticalmente como: “que se diga”...

A primeira frase, portanto, não é do plano tético da verdade. O que é lembrado é que sua enunciação é momento de existência — é que, situada pelo discurso, ela “ex-siste” à verdade.

Daí, ele conclui que: “para que um dito seja verdadeiro, é preciso ainda que se o diga, que haja dele um dizer”. E questiona a lógica proposicional:

É que, retorno mais uma vez a isso: “não há metalinguagem” tal que qualquer dessas lógicas, intitulando-se pela proposição, possa fazer-se de mula e, caso alguém julgue encontrar isso em minha referência ao discurso,

eu refuto, pelo fato de que a frase que ali parece servir de objeto para a segunda nem por isso aplica-se menos significativamente a esta.

Pois essa segunda, que se diga fica esquecido por trás do que ela diz. E isso de maneira tão mais impressionante quanto, assertiva, ela, ao denunciar na primeira o semblante, situa seu próprio dizer como inexistente, já que, ao contestá-la como dito de verdade, é a existência que ela faz responder por seu dizer, não por fazer com que esse dizer exista, já que só ela o denomina, mas por negar sua verdade — sem dizê-lo.

A dupla conclusão de Lacan (1972/2003) é fundamental para a sexuação e seus desdobramentos posteriores:

1) “Não há universal que não deva ser contido por uma existência que o negue.” A consequência é que “um dizer” só adquire seu sentido, em qualquer discurso, a partir do lugar de semblante, e esse lugar não é “para todos”, mas lhes existe (Lacan, 1972/2003, p. 452).

2) E, portanto: “Não há universal que não se reduza ao possível” (Lacan, 1972/2003, p. 452).

Lacan (1972/2003) afirma que recorreu à teoria dos conjuntos (Cantor) “para isolar na lógica o incompleto do inconsciente, o indemonstrável do irrefutável, ou até acrescentar-lhe o indecível, por não conseguir excluir-se da demonstrabilidade” (Lacan, 1972/2003, p. 452).

Assim, na topologia do furo no Universal que os discursos e a sexuação escrevem, encontramos “o que se esclarece pela luz rasante que o discurso analítico traz aos outros, revelando neles os lugares modais com que se realiza sua ronda” (Lacan, 1972/2003, p. 453).

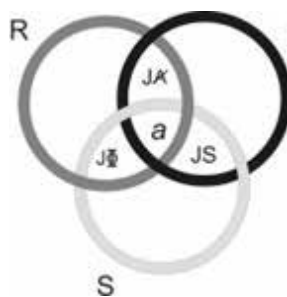
Os discursos, portanto, circunscrevem esse dizer como real, o que se anuncia como “não há relação sexual”: “Não há nada que faça relação de um enunciado” (Lacan, 1972/2003, p. 454). Nesse momento, Lacan retoma Peirce: “não há traço”: e eis o real!

No *Seminário 21: les non-dupes errent*, Lacan (1973-1974, inédito) retoma sua crítica à lógica predicativa. Ele discrimina dois tipos de enlacs: os enlacs olímpicos, que se escrevem conforme a ordem predicativa: Sujeito – Verbo – Predicado, e os enlacs borromeos, que, por serem cardinais, correspondem à lógica modal. A cardinalidade do enlace borromeo se deve ao fato de que o Um é triplo, conforme veremos na parte deste trabalho dedicada à topologia. Por enquanto, digamos que o Um se declina em três modos, que serão chamados de modos de gozo. Lacan dirá que se apoia no nó (ou enlace) borromeo para que algo do impossível se demonstre. E, para tanto, ele precisará separar a modalidade possível da modalidade contingente. Sendo a modalidade contingente aquela que limita a demonstração do impossível, o que torna o impossível indemonstrável é o acontecimento. Algo que cessa de não se escrever. Eis o contingente!

O saber inconsciente é, portanto, uma classe aberta à contingência: “Esse saber inconsciente não se suporta disto que ele insiste, mas dos traços que essa insistência deixa. Não da verdade, mas de sua repetição enquanto que é como verdade que ela se modula” (Lacan, 1973-1974, inédito). Uma classe (ou conjunto) aberta significa que ela aceita paradoxos: “se a lógica renunciasse ao ser, quer dizer, a lógica proposicional, não haveria problema. O problema, se há um, designado de paradoxo é somente este: que a classe homem não é um homem. Todos os paradoxos levam a isso” (Lacan, 1973-1974, inédito). E conclui: “a verdade tem um limite de um lado e é por isso que ela é meio dizer. Mas, do outro lado, ela é sem limite, ela está aberta. (...) O saber inconsciente é um conjunto aberto” (Lacan, 1973-1974, inédito).

Na aula de 19 de fevereiro de 1974 do mesmo seminário, Lacan (1973-1974, inédito) retoma Aristóteles, dizendo que “a lógica proposicional é tão modal quanto as outras” e que “a contradição é apenas um exercício de suplência”, e o “verdadeiro” faz papel de “alguma coisa da qual se parte para inventar outros modos” (Lacan, 1973-1974, inédito). É o que atesta Aristóteles, ao confundir o possível com o contingente”. Lacan escreve, então, pela primeira vez, o sintoma como sendo da ordem do necessário que “não cessa de se escrever”. E, quanto ao real, ele afirma: “o que constitui o real é que, pela lógica, alguma coisa se passa, que demonstra não que ao mesmo tempo ‘p’ e ‘não p’ sejam falsos, mas que nem um nem outro podem ser verificados logicamente de nenhuma maneira”. “É impossível de uma parte e de outra, aí está o Real tal qual a lógica nos permite defini-lo, e a lógica não nos permite defini-lo senão de formas capazes de inventá-la”.

Figura 6



Referências bibliográficas

- Aristóteles (2013). *Da interpretação* (J. V. T. da Mata, Trad.) (1a ed.). São Paulo: Editora Unesp.
- Da Costa, N. (2014). Entrevista. *Revirão*, 3. (Trabalho original publicado em 1985).
- Frege, G. (2018). *Conceitografia: uma linguagem formular do pensamento puro decalcada sobre a aritmética*. (P. A. A. Duarte & G. Wyllie, Trans.). Seropédica: PPGFIL-UFRRJ.
- Lacan, J. (1966-1967). *Seminário 14: a lógica do fantasma* (A. Lyra et al., Trans.). Publicação não comercial exclusiva para os membros do Centro de Estudos Freudianos do Recife. Inédito.
- Lacan, J. (1967-1968). *Seminário, livro 15: o ato psicanalítico*. Inédito.
- Lacan, J. (1971-1972). *Seminário: o saber do psicanalista* (A. I. Corrêa et al., Trans.). Publicação não comercial exclusiva para os membros do Centro de Estudos Freudianos do Recife. Inédito.
- Lacan, J. (1972-1973). *Seminário 20: encore*. (A. T. Ribeiro, Trad.). Escola Letra Freudiana. Publicação não comercial exclusiva para os membros da Escola. Inédito.
- Lacan, J. (1973-1974). *Seminário 21: Les non-dupes errent*. Inédito.
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. (A. Roitman, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-1970).
- Lacan, J. (2003). *O aturdido* (pp. 448-497). In J. Lacan. *Outros escritos* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1972).
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1968-1969).
- Lacan, J. (2009). *O seminário, livro 18: de um discurso que não seja do semblante*. (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1971).

Recebido: 11/02/2021

Aprovado: 25/02/2021